

## NOVO HUMANISMO: PERSPECTIVA DE UMA MORAL SAUDÁVEL, UMA REFLEXÃO SOBRE A PANDEMIA E CONSIDERAÇÕES SOBRE HISTÓRIA E HUMANIDADE EM NIETZSCHE

Salomão Santana<sup>94</sup>

**Resumo:** A pandemia causada pelo Coronavírus, coloca questões que nos convidam a pensar o social, o político e, sobretudo o humano. Para além da natureza e os limites da responsabilidade ética do Estado, a liberdade pessoal e os interesses coletivos, a dignidade humana, uma dentre tantas perguntas se impõe: será que estamos diante de uma mudança de paradigma da noção de humano? Para responder essa pergunta, esse ensaio terá dois momentos: no primeiro momento, vamos trilhar a concepção ética de uma moral saudável e como a pandemia nos convida a pensar uma nova noção de humanismo. No segundo, vamos entender o papel da história em Nietzsche para entender sua concepção de novo humano: *übermenschlich*.

**Palavras-chave:** Pandemia; Moral saudável; Humanismo, Humanidade.

**Abstract:** The pandemic caused by the Coronavirus poses questions that invite us to think about the social, the political and, above all, the human. Beyond the nature and the limits of the State's ethical responsibility, personal liberty and collective interests, human dignity, one among so many questions arises: are we facing a paradigm shift in the notion of human? To answer this question, this essay will have two moments: in the first moment, we will trace the ethical conception of a healthy moral and how the pandemic invites us to think about a new notion of humanism. In the second, we will understand the role of history in Nietzsche to understand his conception of the new human: *übermenschlich*.

**Keywords:** Pandemic; Healthy morality; Humanism, Humanity.

### NOVO HUMANISMO A PARTIR DE UMA MORAL SAUDÁVEL

---

<sup>94</sup> Graduado, mestre e doutorando em filosofia pelo núcleo de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, pós-graduação em Psicanálise clínica. E-mail: [salomaosantana@academico.ufs.br](mailto:salomaosantana@academico.ufs.br).

Na história da Humanidade, as pandemias tiveram um papel importante, elas provocaram mudanças significativas nos hábitos e, com efeito, na maneira como nos vemos. A Peste Negra em meados do século XIV, matou mais da metade da população da Europa; as doenças, como a varíola, trazida pelos espanhóis para as Américas no século XVI, provocou a morte de quase 80% da população indígena; a cólera definiu e marcou o século XIX; a gripe de 1918 matou mais de 50 a 100 milhões de pessoas em todo o mundo; a AIDS vitimou cerca de milhões de vidas. O cuidado com a pessoa contagiada e a busca constante de vacina transformou-se o principal objetivo da ciência em todas essas doenças.

Agora é a vez do coronavírus, resta saber qual o impacto, a longo prazo, da atual pandemia. É mais que evidente que o atual cenário da pandemia no momento, exige serias reflexões sobre como a humanidade lida com essas questões que há muito ameaça nossa espécie. As reflexões estão na ordem econômica, sociais e epidemiológicas, pois ainda não estão claras, os efeitos dessa crise nessas áreas. Isso se deve, sobretudo, à insuficiência de informações sobre a real dimensão da pandemia e quando uma vacina estará pronta para a distribuição global<sup>95</sup>. Uma coisa é certa: não seremos os mesmos depois dessa pandemia.

Uma reflexão que se impõe é: Como ficamos enquanto espécie depois dessa pandemia? Segundo o biólogo Jared Manson Diamond, em seu livro: *“Armas, Germes e Aço: o destino da sociedade humanas”*, segundo esse autor, três são os fatores que aceleram as mudanças na Humanidade: as guerras (armas), pandemias (germes) e aço (tecnologia ou revolução). O legado deixado por esses três fatores nos obriga a nos posicionar de maneira nova diante do mundo e de si mesmo, promove uma mudança de paradigma (DIAMOND, 2017, p. 96). Para o historiador Johan Huizinga, em seu livro *The Waning of the Middle Ages*, a renascença, século XIV e XVI, surge como consequência da peste negra, desse movimento surge o humanismo.

Será que estamos prestes a viver uma nova renascença e o surgimento de um novo humanismo depois da atual pandemia? O humanismo é caracterizado, grosso modo, como uma filosofia moral que coloca o humano como um ser principal e, com efeito, mais importante na existência desse planeta. Uma reflexão moral e ética que aprimora o conceito de humano.

### **Moral Saudável e Novo Humanismo**

---

<sup>95</sup> No momento da elaboração desse ensaio, ainda não tinha sido descoberto a vacina.

Uma outra questão se impõe: O que saúde e bem-estar global podem estar relacionados a uma vida moral e ética? Essa ideia pode parecer um contra senso; uma moralidade que sugere o oposto da vivenciada até agora, é o que se exige como reflexão urgente em tempos sombrios. Ainda assim, o fortalecimento de hábitos saudáveis está relacionado à manutenção da conduta moral e do caráter ético que traga uma nova perspectiva de humano. Uma filosofia de vida sólida, como o novo humanismo, agora moralmente saudável, pode começar com o que é bom para o corpo individual e as relações pessoais e crescer em um modo de vida ético que pode ser bom para todos. Pensemos no distanciamento físico e social, no equipamento de proteção pessoal e assim por diante, constitui posturas individuais que visam o coletivo. O humanismo saudável permanece focado nos seres humanos e em seu bem-estar geral. O que é bom para o bem-estar corporal é certamente benéfico para o bem-estar psicológico e ético e vice-versa.

Em uma definição livre; o humanismo é uma perspectiva filosófica, uma postura de vida que prioriza esta vida mortal e a ética inteligente necessária para melhorá-la. Existem fortes semelhanças entre viver uma vida ética e desfrutar de um estilo de vida saudável, e essas semelhanças não podem ser coincidências. Ainda que, o humanismo recomende orientação ética para as pessoas, esse conceito não envolve, exclusivamente ou apenas aos humanos. Bem verdade que somente os humanos precisam de ética para orientar as suas ações e condutas, não obstante, ética diz respeito a todas as formas de vida que de alguma forma os seres humanos se envolve ou põe em risco. Nossas vidas saudáveis são sustentadas e enriquecidas por nossos ambientes em densas teias de dependência mútua. Degradar espécies e ecossistemas muito longe, enquanto prioriza demais os humanos, ameaça a capacidade do planeta de sustentar uma vida florescente.

O mundo não humano é muito abrangente e abrangente em que nós, humanos, estamos sempre inseridos de alguma forma. Os seres humanos, de modo geral, não são meros espectadores inocentes do curso que a natureza toma, as pandemias são uma prova clara disso. Na verdade, são necessários humanos para criar pandemias. Uma mutação genética é suficiente para iniciar uma epidemia viral, mas para sofrer uma pandemia global, hábitos sociais ruins e respostas governamentais lentas, muitas vezes a ausência dessas respostas, são necessárias para que ela se torne um problema global. O que levanta outra questão: até que ponto somos capazes de realmente cuidar uns dos outros? A saúde de nosso sistema imunológico nos protege de doenças - a saúde de nosso sistema humano nos protege de desastres.

A arrogância humana, achando não apenas em ser superior as outras espécies, como imaginando ser altamente civilizados de que outros humanos, mas o quanto somos de fato? De fato, estamos nos acostumando com os novos hábitos de “distanciamento social” exigidos pelo coronavírus que surgiu na China no final do ano passado e desde então se espalhou por todo o mundo. Embora esse tipo de distanciamento possa parecer sem precedentes, a maioria de nós vive em países há muito acostumados ao "distanciamento moral". A pandemia acelerou a fissura moral que alguns já traziam. Meus deveres morais dizem respeito ao que estou tentando fazer aqui, e seus problemas morais estão aí com você. A ética passou a ser um conceito plástico, moldável a circunstâncias e as situações convenientes. Essa postura foi se tornando uma prática constante enquanto nos acostumamos a uma fraqueza moral geral como consequências dessa postura. Alguns pensam que ninguém precisa se preocupar com nossa responsabilidade moral coletiva. Assumir responsabilidade pessoal não é o mesmo que assumir responsabilidade por pessoas ou pela sociedade como um todo. Ao mesmo tempo, somos descuidados com nossa dependência sempre presente de recursos ambientais esgotados e programas sociais empobrecidos.

Para a mudança de paradigma de um novo humanismo, é preciso que esse novo conceito de humano seja, verdadeiramente social e ecológico para ser ético. Degradar o meio ambiente é patologicamente insalubre e antinatural. O humanismo saudável é totalmente natural e não destrutivo. O que pretendemos aqui, com essa reflexão, não é um chamado para “construir uma utopia” ou um chamado “de volta à natureza”. Ser totalmente natural não significa renunciar à vida moderna, embora possamos questionar o quanto de benéfico, a sociedade moderna está funcionando para todos. Nossa cultura tecnológica atual tem criado, uma desnaturalização, na perspectiva em que Nietzsche, nos fragmentos póstumos<sup>96</sup>, chama de “desumanização” pelo uso excessivo de uma racionalização que constrói um novo tipo de violência; contra si mesmo (NIETZSCHE, 2015, p. 382). Os humanos usam grandes grupos sociais e culturas complexas para florescer como espécie. O novo humanismo não é uma rebelião contra a modernidade, mas uma nova forma de enxergar o humano, de forma natural, como afirmar Nietzsche, pois dessa forma, pode-se ajudar a diagnosticar o quanto a sociedade, especialmente em tempos de crise pública, está trabalhando para todas as pessoas.

---

<sup>96</sup> Os fragmentos póstumos pertencem à produção filosófica de Nietzsche dos anos compreendidos entre 1885 e 1888, que os comentaristas e intérpretes do filósofo, caracterizam como sendo o período em que o pensador alemão elabora o programa da Vontade de Poder (*Der Wille Zur Macht*), projeto esse, jamais levado a cabo por este filósofo.

Essa perspectiva, oferece padrões naturais de florescimento humano que, por sua vez, são úteis para avaliar sociedades. Um humanismo saudável tenta entender como as pessoas podem desenvolver e manter a adequação de seu caráter e virtudes éticas. Só faz sentido que uma população mais saudável produza uma sociedade mais saudável e mais capaz de caráter moral, que nunca se refere apenas às pessoas como indivíduos. O humanismo deve evitar a aparência de se aliar a filosofias “naturais” da vida, que encorajam os indivíduos a “segurem sozinhos” em indiferença quando a sociedade parece irredimível e a ação social parece sem sentido. Não há nada natural em encorajar as pessoas a transcender mentalmente seus arredores problemáticos, a questão que se propõe não é de engessamento e imobilidade social.

Qual a função da moralidade nesse projeto de forjar um novo humanismo? A função da moralidade é conectar e manter relacionamentos cooperativos entre as pessoas. A moralidade funciona melhor quando é mais habitual – você conhece seus papéis, entende o que deve fazer, sabe como cooperar com os outros para os objetivos do grupo. Como todos os hábitos, os hábitos morais precisam ser formados de maneira adequada, precisam ser mantidos e precisam ser continuamente administrados de maneira cuidadosa. Ao contrário de outros animais, os grupos humanos são agora tão complexos, envolvendo tantas pessoas e tantos papéis sociais, e oferecendo inúmeros objetivos de grupo, que a moralidade comum é difícil. Quando os hábitos são tensos e estressados, quando somos confrontados com novas situações que nos confundem, percebemos que nossos hábitos morais não estão funcionando tão bem. Como uma tensão excessiva no corpo, onde facilmente caímos na dependência de apenas alguns hábitos corporais fortes para nos ajudar ao longo do dia, os hábitos morais também podem ficar desequilibrados. No entanto, nesta pandemia, quando os especialistas nos dizem que a melhor coisa que nós, como indivíduos, podemos fazer é isolar, isto é, aqueles que não são considerados trabalhadores essenciais nas áreas da medicina, saúde, segurança ou qualquer coisa relacionada a fornecer comida às pessoas e segurança - então essa é a escolha moral.

Qualquer hábito tende a se fortalecer com o uso e até mesmo o uso excessivo. Um corpo sob estresse físico tentará lidar com a situação automaticamente, usando em excesso algumas habilidades musculares. É a maneira eficiente de curto prazo para o corpo lidar com isso. O problema de longo prazo dessa estratégia desatenta é uma rigidez gradual em apenas alguns hábitos corporais excessivamente usados, que a longo prazo resultarão em colapso e danos corporais. O estresse de alto nível, o uso excessivo e constante e prejudicial à saúde podem distorcer o funcionamento saudável do corpo. Uma pessoa sob alto estresse interpessoal

também sofrerá com esse mesmo processo prejudicial à saúde de uso excessivo e desatento no início, a menos e até que uma abordagem mais cuidadosa seja tentada.

O estresse social causa desequilíbrio moral e insalubridade. A perspectiva moral das pessoas se estreita. Por exemplo, elas lançam acusações de culpa e culpa a muitos outros, e não a si próprios. Elas fazem julgamentos morais rápidos sobre as situações, não apreciam os pontos de vista de outras pessoas e perpetuam falsos preconceitos e estereótipos. Ninguém é naturalmente imune à cegueira moral quando estressado demais. Nessa epidemia, tornasse evidente em conferências de imprensa e mídias sociais, os absurdos, muitas vezes perigosos, que se espalham enquanto um micróbio sem passaporte é chamado de vírus “chinês”.

A moralidade prejudicial é, portanto, como a doença em geral. A moralidade prejudicial à saúde resulta de hábitos morais fracos, hábitos morais estressados, hábitos morais usados em demasia e dependência excessiva de poucos hábitos morais. A moralidade doentia cria facilmente categorias rígidas de pessoas “boas” e “más”, em vez de comunidades de pessoas cooperativas. A moralidade doentia também pode facilmente fazer as pessoas pensarem que “meu” grupo é melhor do que outros grupos. A moralidade doentia pode causar posições inflexíveis de condenação mútua e conflito entre grupos. As relações sociais devem ser baseadas em virtudes de caráter, como confiança e cuidado. Precisamos um do outro mais do que nunca durante tempos tão perigosos como o que estamos vivendo.

A ideia de um novo humanismo, na perspectiva que apresento aqui, não vê nenhuma desconexão entre mente e corpo. Na pior das hipóteses, uma dicotomia mente-corpo permite que as pessoas suponham algum tipo de independência mental do corpo físico e dos arredores. É aqui que pode começar a noção de que a mente é boa enquanto o corpo é mau. Para Nietzsche (1967)<sup>97</sup>, a moral assim como as produções humanas, estão relacionadas a uma vontade, que para esse filósofo, são provenientes do nosso corpo fisiológico, dessa forma, com efeito, não existe separação entre corpo e mente (NIETZSCHE, 1967, p. 104).

As pessoas, em sua maioria, podem supor que o corpo é uma coisa meramente física que deve ser combatida ou derrotada, como se pensava as produções metafísicas. Da mesma forma, desconexões prejudiciais às pessoas são conjuntos de hábitos ruins que permitem a uma pessoa “superar” o resto do grupo. Uma atitude moral doentia permite que alguém suponha que

---

<sup>97</sup>Observação sobre a citação de Nietzsche: A citação das obras de Nietzsche, deve seguir a convenção internacional proposta pela edição de Colli/Montinari das obras completas do filósofo: Colli, G. & Montinari, M. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*, conhecida pela sigla: KSA. Contudo, aqui seguiremos as normas de citação da revista *manguezal*.

é totalmente independente do grupo, talvez mais especial ou mais importante do que o grupo. Qualquer grupo é formado por pessoas com talentos e contribuições distintas, é claro. Grupos saudáveis trabalham juntos, cada um desempenhando seu papel de apoio. Hábitos morais prejudiciais podem levar uma pessoa a noções egoístas de maior importância ou julgamento superior, como se apenas ela realmente conhecesse o certo do errado o tempo todo. Da mesma forma, hábitos prejudiciais à saúde podem fazer com que outros tipos de pessoas se sintam inferiores e sem valor para o grupo, como se precisassem ser dependentes de outras pessoas para avaliações do que é certo e errado.

A sabedoria ética, ao contrário da moralidade, não é nada parecido com decisões rápidas de acordo com regras estritas. A ética ajuda a manter nossos hábitos morais harmoniosos e flexíveis para que funcionem melhor juntos em situações sociais dinâmicas. Qualquer regra moral única, como qualquer conexão músculo-osso, tem função e amplitude de movimento limitadas. Somente a cooperação harmoniosa de muitos músculos, articulações e ossos promove grande flexibilidade e oportunidades quase ilimitadas de atividades.

A ética tem três tarefas principais de gerenciamento da moralidade pessoal. Primeiro, tentar construir hábitos morais saudáveis em uma boa base; segundo, tentar evitar que hábitos morais prejudiciais (como os descritos acima) surjam durante períodos de estresse; e terceiro, tentar lidar com hábitos morais prejudiciais de maneira construtiva para recuperar o equilíbrio moral flexível e a harmonia.

Seguindo essa analogia entre aptidão flexível e bem-estar ético um pouco mais adiante, reconectar mente e corpo pode ser como reconectar pessoas. Este é o objetivo da ética humanística, de um novo humanismo: uma ética focada no bem-estar geral de todas as pessoas em relações de cuidado saudáveis, esse cuidado é fruto do “cuidado de si”, pois cuidar do outro é cuidar de si. Nações inteiras podem gradualmente cair em hábitos morais prejudiciais, como acontece com seus membros. Um grupo moral doentio não está protegendo seus próprios membros tão bem quanto deveria; e um grupo moral doentio é menos capaz de envolver outros grupos de maneiras moralmente apropriadas. Finalmente, uma sociedade moral doentia é inadequada para lidar adequadamente com quaisquer oportunidades e desafios ambientais que eventualmente surjam. A alternativa totalmente natural e ética é o humanismo saudável, uma nova forma de conceber a si e o outro.

## **HISTÓRIA E O FIM DO HUMANISMO EM NIETZSCHE**

**O Manguenzal – Revista de Filosofia**

São Cristóvão/SE, v.1, n. 8, jan. - jun. 2021, ISSN: 2674-7278.

Podemos analisar a história usando duas linhas interpretativas que são: o historicismo e o historismo (*historismus*). A tese principal do historismo é a seguinte: história como processo racional controlado por uma mentalidade superior que o leva a uma direção determinada. De acordo com essa linha interpretativa, a história é um registro dos eventos reunidos nas memórias da humanidade, uma forma de construção aberta que são reconstruídas e exploradas pela mente humana e, com efeito, nessa perspectiva o fim do humano está chegando e foi determinado. Nesta perspectiva, podemos dizer da história que seu progresso é determinante espontaneamente, arbitrariamente - dependendo da tendência do estudioso. Nietzsche concorda com a posição pela qual o fim do ser humano é fato indiscutível, mas ele não o associou ao fim da história. Em suas obras, podemos encontrar a suposição de que o fim do humano, humanismo, irá dar lugar a uma nova perspectiva moral e ética que irá preparar o terreno para suavização de um novo paradigma humano centrado no *übermensch*, o que parece que ele tentaria dizer nós sobre o caráter glorioso que está assumindo o controle da construção futura da história e da nova moralidade humana cativada como um *höhere seinsweise des Menschen*. Neste sentido, é elegível para dizer sobre algum tipo de propósito (*Zweckmäßigkeit*) "como uma capacidade de existência" (NIETZSCHE, 1967, p. 304)

Por um lado, o filósofo alemão afirma que a história é uma obra feita pelo homem, criada e interpretada pelo homem que precisa de atividade criativa, mas, por outro lado, ele concorda com a concepção da história como um assunto sutil que se desdobra na direção do extremo a extremo, que anuncia o fim do ser humano e o início da era do *übermensch*. Devemos prestar atenção a esta visão e refletir sobre a nossa proposta aqui apresentada.

Para Nietzsche, a moral atual está fadada a se fragmentar, dando lugar, com efeito, a uma moral mais saudável, a partir da qual poderemos pensar que o homem em uma nova perspectiva moral, jamais vista pela história. A história atual forjou inconscientemente um conceito de humano doente, fruto de uma moral doente.

Para o filósofo alemão, a história atual torna viva sua consciência histórica, na medida em que propaga valores morais que gera uma versão especificada história desvelada pela genealogia. Para Nietzsche, o homem está implicado em um caos existente de acontecimentos que ele tenta esquematizar com seu instrumento perceptivo orgânico (*die Undeutlichkeit und das Chaos des Sinneneindrucks*). Consequentemente, no início de sua existência ele cria *konzepte der realität* que constitui algum tipo de deficições relacionadas com eles mesmos um elo

de causa e efeito, constituído com os objetos da sua memória, portanto a história humana nada mais é aquilo que aconteceu agrupados em sua memória a partir de sua interpretação.

Nessa concepção, na opinião de Nietzsche, é exatamente assim que a história do cenário humano é definida. É também por isso que poderíamos supor que a capacidade de transformação do humanismo sob a história, reside potencialmente na mente humana.

Se fizermos o acompanhamento da história e seus acontecimentos, com esta visão, há um resultado que podemos descobrir, que na história nada é estável, - o homem pode mudar sua estrutura de causa e efeito por quem tem um predicado secundário, o que significa nada mais do que, os acontecimentos históricos surgem como algum tipo de modelo interpretativo baseado na união artificial de muitos eventos, acontece dentro da *koncepte der realität*. "Fatos é exatamente o que não existe, apenas interpretações" (NIETZSCHE, 1967, p. 311), afirma Nietzsche.

Portanto, a história é suscetível a várias mutações. É por isso que cada sociedade deve se preocupar com sua história, caso contrário, ela será responsável pela perda da sua subjetividade. Assim, é muito importante perceber que a cada pequena coisa, na história, constitui um agregado de valores éticos e morais, formando assim, uma representação abrangente da tradição histórica. Essa estrutura está, ao longo do tempo desses agregados, fragmentando os valores saudáveis, criando uma noção de humano que já não se sustenta mais, porque tem um impacto real para a consolidação da estrutura de uma sociedade cuja moral é doente, niilista.

Não há dúvida para Nietzsche, como vimos na primeira parte desse artigo, que o organismo político é sutílreflexo do organismo biológico. Partes da história são colocadas, cuidadosamente de modo a diminuir o risco e fortalecer o próprio organismo político, isso porque só assim pode ser mais forte e poderoso. O pensador alemão diz que o organismo político que surgiu na história das derrotas, é fruto de uma moral fraca, doente, esse organismo estar condenada à derrota porque, com efeito, criou uma tradição que o torna o espírito de uma comunidade pobre: "Aqueles pobres na vida, os fracos, a vida empobrecida, criou uma moral doente que se manifestará na sociedade." (NIETZSCHE, 1967, p. 402)

Organismo político que reivindica o direito ao poder e da mesma forma a vontade de viver, devem celebrar em sua própria história, uma moral que seja uma afirmação a vida, a potência de existir. Os sintomas de fraqueza devem ser destruídos e substituídos para poder estimular o espírito do organismo político que Nietzsche chamou de corpo social: Mesmo um

corpo dentro do qual (como pressupunhamos anteriormente) particulares, indivíduos se tratam uns aos outros como iguais (o que acontece em toda aristocracia): se este corpo está vivendo e não morrendo, ele terá que tratar outros órgãos, exatamente das formas que os indivíduos que contém se abster de tratar uns aos outros.

Terá que ser a encarnação da vontade de poder, vai querer crescer, espalhar, agarrar, ganhar domínio, - não fora de qualquer moralidade ou imoralidade, mas porque está viva, e porque a vida é precisamente a vontade de poder.

Há sentido para questionar se o historicismo em todas as suas formas seria rejeitado por Nietzsche? Se a história realmente continua em uma direção específica, de acordo com uma suposição pré-determinada, é verdade que seu propósito deve ser o fim do ser humano e a superação de uma era *übermensch*? Nietzsche dirá:

(...) a sociedade não pode existir para o bem da sociedade, mas apenas como subestrutura e estrutura para elevar um tipo excepcional de ser até seu maior dever e a um estado de ser mais elevado. Da mesma forma, a busca do sol, a planta trepadeira javanesa chamada sipo matador envolverá seus braços em torno de um carvalho com tanta frequência e por tanto tempo que finalmente, bem acima do carvalho, embora ainda apoiada por ela, a planta será capaz de desdobrar seu mais alto coroa de folhagem e mostrar sua felicidade com a luz plena e clara. (NIETZSCHE, 1967, p. 410)

Nietzsche afirma que a humanidade, em algum momento de sua existência tornar-se um princípio sutil de uma *übermensch*. Podemos dizer sobre isso como uma forma superior de ser humano (*Höhere Seinsweise des Menschen*). Esta é a mesma dimensão onde existe um tipo de cultura considerada centrada na moral aqui definida como saudável, moral que é constituída, digamos, por "um estado subjetivo, mental, interior, individual, diferente para todos, mas o mesmo em muitos aspectos do homem, especialmente quando se vive perto uns aos outros na cooperatividade," ou seja, "Uma forma superior do ser humano". (NIETZSCHE, 1967, p. 432).

Segundo essa "cultura superior" que anuncia uma forma superior de ser humano, Nietzsche afirmará

Os múltiplos desconfortos impostos aos homens pelas reivindicações de uma cultura, finalmente distorceram a natureza até agora, de tal forma que geralmente se suportam duramente e estoicamente e possui as lágrimas apenas por raros ataques de boa sorte, de modo que muitos, de fato, são constrangidos a chorar apenas porque deixaram de sentir dor: - somente quando estão felizes é que seus corações batem novamente, esse é o feito da cultura superior nos homens superiores. (NIETZSCHE, 1967, p. 432)

As palavras de Nietzsche assumem expressamente a existência de uma dimensão ideal, onde o desejo humano, que é *höhere Seinsweise des Menschen*, é estritamente dirigido. Talvez esta dimensão poderia ser a mesma que a Moira Homérica? Quero dizer, como um destino

determinado pelo progresso de cada homem vivo com sua capacidade intelectual única de projetar a realidade, e que está imerso no caos da impressão. Esta capacidade intelectual parecer algo notavelmente importante, que abra caminho não só para entender a concepção de Nietzsche da genealogia humana, mas também para esclarecer a ideia de *übermensch* de Nietzsche. O nosso filósofo presta atenção sobre os tempos contemporâneos e diz que estes eram a representação de decadência e queda desses valores que serviram às raças poderosas com um coração forte. Neste contexto, é possível afirmar que:

vem da A Vontade de Poder, onde o autor liberta apenas um pouquinho de sua visão da genealogia humana:

A história mostra: as raças fortes dizimam umas às outras: através da guerra, sede de poder, aventureirismo; os fortes efeitos: desperdício – (a força não é mais acumulada, a perturbação espiritual surge por tensão excessiva); sua existência é cara; em resumo - arruinam-se mutuamente; períodos de profunda exaustão e torpor superam: todas as grandes idades são pagas para - Os fortes são posteriormente mais fracos, mais desprovidos de vontade, mais absurdos do que a média fraca.

É bastante simples entender que o fim do ser humano aconteceu enquanto raças poderosas tinham começado a lutar umas contra as outras. Essas raças provam a existência de espírito aristocrático que tinha a vontade de poder, mas, paradoxalmente, não se preocupava com a autopreservação. Assim, a vontade de poder é marcada pela destruição. Podemos dizer que um processo muito delicado e duradouro, focado em assumir o controle de grandes indivíduos e populações decadentes que viram ao contrário uma concepção aristocrática da realidade e liberam sua própria concepção baseada na decadência de ideias. Desta forma, no mundo da decadência, os mais fortes e aristocráticos foram reconhecidos como uma espécie de paranoico. Mas Nietzsche pensa que não se trata de um fracasso final dos seres aristocráticos, mesmo que devam viver agora na concepção projetada pelo organismo político celebrando ideias nihilistas que não têm nada a ver com o fortalecimento da vida, mas somente com decadência. No entanto, eles são verdadeiramente coração de pedra, são seres que poderiam descobrir como tornar sua vida mais forte e remover concepção destrutiva da realidade. É por isso que eles sempre querem, fazer surgir, a forma mais elevada do ser humano. É também por isso que eles tentam voltar ao mundo antigo e aristocrático. É tão importante que Nietzsche nunca classificou o povo por critérios sobrenaturais. Ele negou ter dividido as pessoas por baixo: "predisposição especificada, sobre-humana que pode se tornar parte de rostos eleitos chamados de gênio" (NIETZSCHE, 1967, p. 440).

É importante definir o que Nietzsche afirmar ser um gênio, para ele gênio é um tipo de mentalidade de alto nível possível, realizado por uma especial forma de humano através de cérebro duro e trabalho físico, mesmo que ele seja rodeado de um organismo social niilista:

Gênio (...), se por este conceito entendemos uma essência extraordinária, um conteúdo na mente humana, conteúdo esse sempre causado pelo resultado do trabalho dessa mesma entidade ou entidades e comunidades onde ele foi formado, uma moral forte de uma afirmação da vida (NIETZSCHE, 1967, p. 442).

É difícil dizer o que Nietzsche pensa sobre o papel do Gênio na história do ser humano. Só podemos especular que a Genialidade é apenas um tipo de reação que inicia o progresso. É possível falar que se trata de qualquer tipo de progresso relacionado ao humano? Para Nietzsche, o conceito de humano é necessário ao de evolução progressiva, também o filósofo afirma que, o conceito de progresso não só é desnecessário, mas simplesmente possível. Pode ser uma manifestação consciente da atividade humana que vai projetar o novo modelo de humano e humanismo, da civilização que destrói a antiga tabua "Seria, é claro, precipitado equase sem sentido para acreditar que o progresso deve necessariamente seguir-se; mas agora não poderia ser negado que o progresso é possível"..... Nietzsche acredita que há muitas reviravoltas sobre o avanço da história. Para o filósofo existem, por conta da moral saudável que se desprende da moral niilista, que forja um conceito de humano diferente do gênio, constrói os chamados "espíritos contundentes" que estão no oposto de Gênio, dos "espíritos livres". Esses espíritos contundentes são "capazes de excitar um grande entusiasmo, cujo desenvolvimento é, no entanto, retardado, de modo que eles despertem novamente uma fase anterior da humanidade "e em seu caminho ele constitui uma nova cultura significando liberdade além do mundo da decadência: "Para redimir o passado, e transformar cada um em 'assim eu gostaria que fosse! - que só eu chamo de redenção!'" (NIETZSCHE, 1967, p. 448).

De acordo com Nietzsche, a presença de espíritos grosseiros e espíritos livres dependem das eras históricas. Não importa em que época, o importante é que o espírito livre sempre existe entre os espíritos contundentes o que causa inconveniente para os gênios por causa da concepção de realidade niilista. O horizonte cognitivo do Gênio é mais extenso do que a realidade da decadência imbricada no que acontece no passado.

Para a autopreservação, o Gênio deve ficar além desta realidade e seguir pelo caminho traçado pelo Zarathustra, que proporciona uma forma mais elevada de existência e de "olhar para o passado ainda se tornando passado" e ainda mais, enobrece seu espírito com o presente em eterna renovação. Nietzsche acredita que o mundo da decadência não é e nem poder ser eterno.

É antes um estado de decomposição e mofo. Portanto, o momento do colapso está bem próximo. Ele irá ser então o tempo de glória para os espíritos livres e os Gênios, para que as pessoas marcadas pela decadência possam encontrar a luz do conhecimento. Ele irá guiá-los na única direção - até a colina da cognição. Agora, as declarações de Nietzsche sobre a história são mais bem conhecidas se entendermos a seguinte frase:

Tudo se torna realidade e eterno retorno – ele não é possível roubar! Assumir que gostaríamos de julgar os valores, o que isso significa? A ideia de retorno eterno - como princípio final a serviço do poder (e da barbárie!) Tudo se torna e retorna eternamente - escorregar não é possível! Supondo que pudéssemos avaliar o valor, o que decorre disso? a ideia de retorno como princípio de escolha, a serviço do poder (e da barbárie!) (NIETZSCHE, 1967, p. 448).

A concepção nietzschiana de eterno retorno mostra um excelente modelo temporal que o filósofo parece acreditar. É uma concepção de tempo cíclico com essência metafísica. Parece diferente do modelo mecânico, natural, concepção do tempo em que o esquema de vida diária é gerado por rodadas solares e lunares. Sua principal característica é a repetibilidade devotada de poder que permeia a espiritualidade do Gênio. É bastante curioso o que o filósofo afirmar: “lembranças, imagens; mesmo não pode existir, mas ainda assim aparece redondamente”. A coisa que acontece no tempo, surge repetidas vezes para que possamos superar o humano e possibilitar o surgimento do novo homem, novo paradigma.

Portanto, para concluir, é possível afirmar que na concepção de história de uma nova noção de humano em Nietzsche, é possível distinguir pelo menos três aspectos onde aparece o motivo para o surgimento de uma mudança de paradigma. O primeiro é um caminho do organismo social que constitui novas comunidades unidas em torno de suas próprias realizações espirituais e técnicas. Essas comunidades de acordo com sua natureza estão determinadas a emular uns aos outros se quiser estabelecer uma civilização. O segundo e o terceiro caminho pertencem ao conceito de sujeito errante que é Zarathustra.

O primeiro, através do mundo que podemos conhecer uma atitude natural. Neste significa um nômade, uma simples peregrinação. Parece diferente quando tomamos o segundo - o caminho da mentalidade - que persegue dentro da mente vagabunda. Estes dois caminhos se interpenetram porque o primeiro gera o caminho do segundo. O gênio deve sintetizar estes dois caminhos dentro de si mesmo se ele quiser ser um professor da humanidade. Somente então ele será capaz de criar um organismo social extraordinário que vive um novo modo de ser humano.

### **Referências bibliográficas**

DIAMOND, Jared. M. *Armas, Germes e Aço: os destinos das sociedades humanas*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

HUIZINGA, Johan. *The Waning of the Middle Ages*. Plublican Books, press university. 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Edição organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlin/Munique: Walter de Gruyter & Co., 1967-78. 15 vol.

\_\_\_\_\_. Fragmentos Póstumos 1885-1887 - Volume VI: Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

\_\_\_\_\_. Nachgelassene Fragmente §9 [106]. See at: [www.nietzschesource.org](http://www.nietzschesource.org)

\_\_\_\_\_. Nachgelassene Fragmente, Winter 1883–1884, 24 [7].  
[www.nietzschesource.org](http://www.nietzschesource.org)